

## Futuro do presente: novos cenários emergem nas experiências midiáticas do cotidiano mediado por telas

*Future of the present: new scenarios emerge in everyday media experiences mediated by screens*

*Futuro del presente: emergen nuevos escenarios en las experiencias mediáticas cotidianas mediadas por pantallas*

Adriana BARSOTTI<sup>1</sup>  
Cláudia QUADROS<sup>2</sup>  
Suzana BARBOSA<sup>3</sup>

A pandemia de Covid-19 provocou rupturas em amplos aspectos de nossa experiência cotidiana: nos modos de produzir e consumir informação, de trabalhar, de aprender e de nos entretermos. De repente, vimos praticamente toda existência ser mediada por telas e as tecnologias ganhando um papel central em nossas vivências, marcando interações sociais e criando novos regimes de sociabilidade. A prevalência do digital e a interferência das telas no cotidiano conformam o digital como um terceiro entorno social, que se integra aos entornos natural e urbano, como proposto por Boczkowski e Michelstein (2021).

Nesse contexto, o processo de plataformização foi notadamente acelerado durante o período. O número de usuários de redes sociais no mundo aumentou 13% e,

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF), ambos da Universidade Federal Fluminense. Jornalista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: barsotti.adriana@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7834-9937>

<sup>2</sup> Professora do PPGCOM-UFPR. Coordenadora do grupo de Pesquisa COMXXI. Jornalista e relações públicas pela Universidade Federal do Paraná, com doutorado em Comunicação pela Universidade de La Laguna e pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Pompeu Fabra. E-mail: clauquadros@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1322-8971>

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom), ambos da Universidade Federal da Bahia (FACOM | UFBA). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL). É jornalista e doutora em Comunicação pela UFBA, com pós-doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela. E-mail: suzana.barbosa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3109-7637>



no Brasil, as mídias sociais atingiram 70% de penetração (HOOTSUITE, 2021), número significativo diante da exclusão digital que persiste no país, onde um a cada cinco brasileiros permanece sem acesso à internet (IBGE, 2020). Desorientados e confinados devido ao isolamento social, internautas recorreram desenfreadamente ao Google na busca por informações sobre a Covid-19, levando a empresa a bater recorde de receita com seu mecanismo de busca em 2021 (GOOGLE, 2021).

A expressão “processo de plataformização” foi aqui usada intencionalmente porque refutamos a análise das grandes plataformas de busca, de redes sociais e de *streaming* enquanto “objetos”. Adotamos a perspectiva de Van Dijck, Poell e De Waal (2018) e Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) para compreendermos a plataformização como um processo dinâmico, que entrelaça as infraestruturas das plataformas, suas políticas de governança e processos econômicos com diversas esferas da nossa vida cotidiana, gerando a reorganização de práticas culturais. Sob a perspectiva dos estudos culturais, é preciso enxergar as nuances que estão em jogo. De um lado, trata-se de observar a intensificação da dominação do capital transnacional dessas grandes plataformas. De outro, é preciso ficar atento às apropriações e ressignificações que os usuários delas fazem, gerando múltiplos pactos de sociabilidade.

A reboque da expansão das plataformas, a desinformação e o negacionismo se expandiram no contexto da Covid-19, trazendo consequências danosas para a sociedade. Diversos segmentos passaram a refletir sobre esses fenômenos, que também têm afetado diferentes áreas do conhecimento, como a comunicação e a ciência. A aceleração do uso dos algoritmos, da inteligência artificial e do *big data*, observada nos produtos midiáticos, trouxeram novos desafios práticos e éticos para comunicadores no século XXI. O entretenimento, atravessado e estruturado pelas mídias, também não escapou da aceleração digital: assiste-se à uma multiplicação de plataformas de *streaming* de áudio e de vídeo, impactando o campo da cultura.

Ainda no século XX, Morin já recomendava que os estudos sobre a comunicação deveriam perpassar o contexto histórico e cultural, “no seu perpétuo movimento da técnica à alma humana, da alma humana à técnica, lançadeira que percorre todo o processo social” (2009, p.21). A premissa deste dossiê é evitar o determinismo tecnológico, como sugere Morin, e também a perspectiva de uma história evolutiva. A pandemia está prestes a completar dois anos e, nesse período, ouvimos algumas vezes que estávamos perto de seu “fim”. E eis que a Ômicron surge em dezembro, rompendo com a sonhada narrativa sobre o término da pandemia - ela mesma “pulando” duas



letras do alfabeto grego, utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde o início da pandemia para designar as variantes do novo coronavírus. Em vez de começos e fins, mais enriquecedor seria enxergar rupturas e continuidades, como propõe Foucault (2015). E rupturas já podem ser vislumbradas, como demonstram os textos que compõem este dossiê temático.

Novos cenários já começam a emergir nas experiências midiáticas e, muitas delas, devem continuar no período pós-pandemia. Questionamos na chamada deste dossiê quais seriam as rupturas e continuidades que já podem e poderão ser percebidas na produção, consumo, distribuição, circulação e recirculação dos produtos midiáticos. Se a nossa experiência cotidiana é atravessada pelas mídias, qual papel elas desempenharão nesse contexto de intensificação da hibridização entre os espaços físicos e virtuais que já começamos a vislumbrar? Os textos selecionados neste dossiê refletem sobre diferentes mídias no nosso cotidiano no contexto da pandemia, trazendo importantes apontamentos sobre o futuro de cada uma delas e sua relação com a audiência.

O rádio, observado como companheiro do ouvinte por cientistas e profissionais da comunicação, ganha novos sentidos entre pacientes hospitalizados devido à Covid-19. Em *Amuleto contra o vírus: sentidos da escuta radiofônica entre pacientes hospitalizados*, Nilda Jacks revisitou investigações sobre o rádio a partir de uma ação realizada em um hospital de Porto Alegre (RS) para animar pacientes com Covid-19. Os depoimentos sobre o impacto do radinho de pilha entre esses pacientes foram dados por profissionais de saúde para o jornal *Zero Hora*. A reportagem da jornalista Larissa Roso emocionou e inspirou a pesquisadora, que traz à tona diversos estudos que abordam a relação entre o rádio e o ouvinte. Ao longo do seu ensaio, Nilda Jacks reflete sobre procedimentos metodológicos adotados por alguns estudos e abordagens que evidenciam os sentidos da escuta radiofônica. De forma sensível, Jacks relata a conexão de pacientes com o mundo exterior por meio do rádio. Essa relação não é nova, como bem aponta a pesquisadora, mas o contexto da pandemia revelou novas possibilidades para se pensar o rádio e as pesquisas futuras sobre o meio.

Os dois textos seguintes - *O corpo performático nas redes sociais: narrativas audiovisuais no reels do Instagram* e *A “Morada” como constelação e encruzilhada: estética e política em experiências audiovisuais* - também trazem olhares que se debruçam sobre o acolhimento e a identificação gerada por produtos midiáticos durante a pandemia e cujas perspectivas promissoras devem permanecer no cenário



pós-pandêmico. Renata Pitombo Cidreira e Naiara Moura Pinto analisaram vídeos de quatro influenciadoras digitais “dissidentes” publicados na ferramenta *reels*, do Instagram. Para as autoras, os corpos performáticos e dissonantes observados - corpo idoso, negro, obeso e deficiente - são meios de partilha de significados e interpelam seus espectadores nas pautas assertivas sobre o empoderamento feminino por meio da única presença possível na pandemia: a copresença virtual.

Em *A “Morada” como constelação e encruzilhada: estética e política em experiências audiovisuais*, Scheilla Franca de Souza e Jorge Cardoso Filho estabelecem uma constelação de experiências audiovisuais de coletivos e *lives* nas redes sociais que são marcadas pelo signo da morada e produzidas sob as óticas amefricanas e ameríndias. Na pandemia, quando foi necessário o recolhimento às casas, os autores questionam: quais as relações que se estabelecem entre intimidade e comunidade, entre vida cotidiana e ficção? O plano pandêmico, em sua domesticidade, indica a abertura para a alteridade, por meio das relações entre os sujeitos, os afetos, o comum, o compartilhado. O reconhecimento dessas outras possibilidades abre caminho para experiências estéticas futuras, pois, pontuam os autores, “o agora porvir está em devir”.

E quais são as possibilidades de construção de novos territórios para o jornalismo, em meio ao cenário de desinformação? No Brasil, pela primeira vez, o consumo de notícias pelas redes sociais superou o da TV aberta durante a pandemia, como demonstraram os relatórios do *Digital News Report*, produzidos pelo Reuters Institute for the Study of Journalism em parceria com a Universidade de Oxford (2021, 2020). Paradoxalmente, os brasileiros são os que mais se preocupam com a desinformação, de acordo com a mesma pesquisa, sinalizando que há possibilidades para o jornalismo. Em *O Maranhão pelo jornalismo efêmero dos Stories: a construção de territórios em O Imparcial, Imirante e Imperatriz Online*, Petronilio Ferreira, Paula Melani Rocha e Rafael Schoenherr indicam que a produção desses veículos jornalísticos para os Stories tem características jornalísticas e carrega potencialmente novas formas de transmissão de notícia após o período pandêmico.

Os últimos dois textos refletem sobre o futuro do entretenimento, apontando para um caminho de rupturas em meio a continuidades. Em *Masterplano: mediação radical em ambientes de festas online no contexto da pandemia*, Natália Moura Pacheco Cortez e Sóstenes Reis Siqueira observaram a migração do coletivo artístico mineiro Masterplano para a cena virtual. As festas - antítese do isolamento social -



ganham novas configurações nas plataformas digitais, permitindo a emergência de outros espaços e temporalidades para as comunidades que antes só festejavam em espaços físicos.

O Brasil definitivamente não é um país de leitores. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), do Instituto Pró-livro (IPL), demonstra que 50% da população brasileira não lê livros. Mas será que o isolamento social da pandemia não mudou os hábitos de leitura de brasileiros? A pesquisa feita por Marília de Araújo Barcellos faz um registro deste cenário. No artigo *Leitura e consumo de livros, no Brasil, em tempos de Covid-19*, a autora compara indicadores de leitura de antes e durante a pandemia com os resultados encontrados em sua pesquisa com estudantes universitários da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a relação deles com livros impressos, *e-books* e *audiobooks*. Entre os universitários, ela concluiu que houve uma ruptura no hábito de consumo de livros. A autora registrou o aumento do letramento digital dos discentes e a inclusão da leitura de entretenimento como hábito, concorrendo com outras tantas possibilidades de lazer.

E é com uma discussão sobre masculinidade em mulheres e lesbianidade a partir de um produto do campo do entretenimento cultural – a minissérie televisiva *Amor na Ponta da Língua* (2002) que iniciamos a Seção Livre. O artigo de Daniela Conegatti resgata o conceito de anômalo (DELEUZE & GUATTARI, 1997) e a teoria performativa (BUTLER, 2013), de modo a possibilitar uma discussão sobre a resistência à abjeção e emergência do anômalo, tendo como horizonte o conceito nomeado pela autora de “devir-sapatão”. Mantendo o foco na mulher, o segundo artigo dessa Seção, *Mulheres curdas sob a perspectiva cinematográfica: uma discussão sobre o filme Filhas do Sol*, de Jamer Guterres de Mello, Juliana Santoros Miranda e Maria Ignês Carlos Magno, traz uma discussão sobre a obra audiovisual dirigida pela cineasta Eva Husson, propondo, entre outras questões, a oposição Ocidente/Oriente em relação à representatividade feminina.

Já no texto seguinte, *Corpo feminino, envelhecimento e Indústria Cultural: uma análise de propaganda à luz da Teoria Crítica*, Viviane Visanti e Marsiel Pacífico abordam o feminino de uma perspectiva etária, ao analisarem a peça publicitária de um cosmético para rejuvenescimento. Com um enquadramento crítico, os autores propõem uma reflexão sobre as tensões existentes nos discursos midiáticos sobre envelhecimento. Quanto ao artigo *Hábitos imagéticos dos jovens: o auge dos stories e a inexpressividade das narrativas em 360 graus*, o quarto da seção, os autores Alan



Angeluci e Carolina Falandes deslocam a discussão para a juventude, apresentando os dados de um *survey* com 290 estudantes, cujo objetivo foi compreender a relação de estudantes do ensino médio e superior com a produção e o consumo de imagens em ambientes digitais. Também com foco no grupo etário juvenil, Clarice Greco e Enoe Pontes assinam *Disputas de sentido em comunidades de fãs: amor e ódio entre Riverdalians*. O texto oferece uma análise qualitativa das postagens do *fandom* brasileiro de uma série estadunidense e revela que, embora unidos por afetos comuns, os fãs desenvolvem chaves interpretativas distintas, as quais manifestam disputas de sentido.

De certo modo também trabalhando nesse território de embates de sentidos *Reflexões sobre Jornalismo Literário e cotidiano*, de Mônica Martinez, recupera parte da travessia da construção conceitual dos estudos que têm se debruçado sobre a relação entre jornalismo e literatura. A perspectiva é tanto problematizar o acontecimento quanto discutir as marcas da subjetividade na fabulação das narrativas. Traz, deste modo, uma contribuição significativa para este tema que sempre mobiliza o campo. E, fechando a Seção Livre, temos *Meios de Comunicação, Alienação e Extensão: a inocência no uso dos novos meios de comunicação*, de Patrício Dugnani. O artigo busca tensionar, dialeticamente, as teorias críticas e a dos meios, procurando elaborar uma síntese que se assenta na recuperação da história dos meios de comunicação de massa, o nazismo e os meios digitais. Com este percurso, nós, editoras do dossiê e da seção livre, desejamos uma boa leitura. Os artigos selecionados trazem diferentes perspectivas da comunicação durante o período pandêmico e lançam frestas para enxergarmos rupturas e continuidades em um futuro que já é presente no nosso cotidiano em construção.

*Adriana Barsotti, Cláudia Quadros, Suzana Barbosa (Ed. Seção Temática)*

*Denise Tavares, Larissa Morais e Renata Tomaz (Ed. da Seção Livre)*

---

## Referências

BOCZKOWSKI, P.; MICHELSTEIN, E. **The digital environment: How we live, learn, work, and play now**. Cambridge, MA: MIT Press, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia – vol. 4.** Suely Rolnik (trad.) São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GOOGLE Search, YouTube sales soar to record high in Covid-19 pandemic. **Business Standard**, San Francisco, 28 jul. 2021. Disponível em <[https://www.business-standard.com/article/international/google-search-youtube-sales-soar-to-record-high-in-covid-19-pandemic-121072800307\\_1.html](https://www.business-standard.com/article/international/google-search-youtube-sales-soar-to-record-high-in-covid-19-pandemic-121072800307_1.html)>. Acesso em 13 jan. 2022.

HOOTSUITE. **We are social.** Nova York, 2021. Disponível em <<https://wearesocial.com/digital-2021>>. Acesso em 13 jan. de 2022.

IBGE. **Pnad Contínua-TIC.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101705>>. Acesso em 13 jan. 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil.** São Paulo, 2019.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; SCHULZ, Anne; ANDI, Simge; ROBERTSON, Craig; NIELSEN, Rasmus Kleis. **Reuters Institute Digital News Report 2021.** Reuters Institute for the Study of Journalism, 2021. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021>> Acesso em: 20 set. 2021.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; SCHULZ, Anne; ANDI, Simge; ROBERTSON, Craig; NIELSEN, Rasmus Kleis. **Digital News Report 2020.** Oxford, 2020. Disponível em <<https://www.digitalnewsreport.org/survey/2020/>>. Acesso em 13 jan. 2022.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos.** São Leopoldo, v.22, n.1, p. 2-10, 2020.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn. **The platform society.** Public values in a connective world. New York: Oxford University Press, 2018.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.